

Três mundos, um planeta¹

DOI: 10.54446/bcg.v12i1.2910

Alfred Sauvy²

Falamos com naturalidade dos dois mundos em oposição, de sua coexistência etc., esquecendo muito frequentemente a existência de um terceiro, o mais importante, e, em suma, o primeiro da cronologia. Trata-se de um conjunto formado pelos países que chamamos, nos moldes das Nações Unidas, de subdesenvolvidos.

Podemos ver as coisas de maneira diferente, colocando-nos na perspectiva do bloco mais significativo para quem duas vanguardas foram destacadas há alguns séculos, a ocidental e a oriental. Devemos seguir uma delas ou tentar outro caminho?

Sem este terceiro, ou primeiro mundo, a coexistência dos outros dois não seria um grande problema. Berlim? Alemanha? Há muito tempo teria sido posto em vigor um sistema de ocupação invisível que deixaria os alemães livres e que apenas soldados apaixonados pela vida civil podem condenar. Não há nada que os soviéticos temam mais do que ver a Europa Ocidental tornar-se comunista. O stalinista mais fervoroso daqui, é visto lá, como contaminado pelo Ocidente. Mais vale um bom chinês, um indiano que estudou em Moscou e que só conhece a burguesia pela visão correta e pura apresentada por lá. Mas os ingleses, os suecos, os franceses, esses são recrutados indesejáveis.

1 Texto originalmente intitulado "*Trois mondes, une planète*", e publicado no periódico parisiense *L'Observateur*, n.º 118, p. 14, ago. 1952.

Tradução e notas: Dhiego Antonio de Medeiros (Doutorando na Universidade de São Paulo, professor da Universidade Estadual de Alagoas; bolsista da FAPESP processo n.º 20/08530-2; e-mail dhiego.medeiros@uneal.edu.br) e Jane Roberta de Assis Barbosa (professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); e-mail: jane.barbosa@ufrn.br).

2 Economista, demógrafo e sociólogo, Alfred Sauvy (Villeneuve-de-la-Raho, França – 31 de outubro de 1898/Paris, França, 30 de outubro de 1990), estudou na Escola Politécnica de Paris (*École Polytechnique*), e pode ser considerado um dos mais notáveis intelectuais franceses do seu tempo. Freqüentador assíduo dos meios teatrais e jornalísticos, Sauvy colaborou com diversos jornais, a exemplo de *L'Express* e *Le Monde*. Figura requisitada também no âmbito político, em 1938 foi conselheiro de Paul Reynaud, Ministro das Finanças da França durante o governo de Édouard Daladier. Em 1954 foi conselheiro do governo de Pierre Isaac Isidore Mendès, primeiro-ministro da França. Foi, ainda, representante da França nas Nações Unidas (ONU). No plano científico-intelectual, foi discípulo do sociólogo francês da escola durkheimiana Maurice Halbwachs, tornando-se uma autoridade nos assuntos inerentes à demografia. Foi o primeiro a falar em *terceiro mundo*, em referência ao *terceiro estado* do político, escritor e eclesiástico francês Emmanuel Joseph Sieyès. Participou da criação do Instituto Nacional de Estudos Demográficos (*Institut National d'Études Démographiques* – INED), do qual foi o primeiro diretor, de 1945 a 1962. Foi professor do Instituto de Estudos Políticos de Paris (*Institut d'Études Politiques de Paris* – IEP) no período de 1940 a 1959. Em seguida, foi eleito professor do Collège de France, onde ocupou a cátedra de demografia social, de 1959 a 1969. É autor de uma vasta obra que dialoga com diversos campos das ciências humanas e sociais.

Interessa a cada um dos dois mundos conquistar o terceiro, ou pelo menos tê-lo ao seu lado. E daí vêm todos os problemas dessa coexistência.

O capitalismo ocidental e o comunismo oriental constroem-se um sobre o outro. Se um deles desaparecesse, o outro sofreria uma crise sem precedentes. A coexistência dos dois seria um passo em direção a algum regime comum tão distante quanto discreto. Bastaria que cada um deles contestasse frequentemente essa futura aproximação e abandonasse o tempo e a técnica. Outros problemas surgiriam, os quais ocupariam espaço suficiente. Quais? Não vem ao caso agora responder.

Recuemos um pouco na história: no coração das guerras religiosas, descuidadamente emitam a opinião de que, talvez, um dia, católicos e protestantes terão outras preocupações que não a Imaculada Conceição. Vocês serão olhados com surpresa e sem dúvida queimados sob uma alegação ou outra, talvez como loucos.

Infelizmente, a luta pela posse do terceiro mundo não permite que os outros dois caminhem cantando cada um no seu próprio vale, o melhor, claro, o único, o "verdadeiro". Pois a Guerra Fria tem consequências curiosas: lá, um mórbido tribunal de espionagem conduz ao isolamento mais feroz. Aqui, a evolução social chegou a um impasse. De que serve constranger-se e privar-se, uma vez que o medo do comunismo retém aqueles que gostariam de seguir em frente? Por que considerar o que quer que seja, uma vez que a maioria progressista está dividida? Nunca houve um período mais favorável à legislação de classes, vemos bem. Absolvamo-nos dos nossos roubos através de uma anistia fiscal, cortemos destemidamente os investimentos vitais, a construção de escolas e habitações a fim de dar uma grande quantia de dinheiro ao fundo de estradas de modo a tornar mais cômodo o regresso aos belos bairros nas tardes de domingo. Reforcemos os privilégios menos defensáveis das indústrias da beterraba e do álcool. Por que incomodar-se, uma vez que não há oposição?

Assim, a evolução para o regime distante e desconhecido foi interrompida em ambos os campos, e esta paralisação não se deve apenas às despesas de guerra. Trata-se de apoiar-se no adversário para se fixar solidamente. São os adeptos da linha dura que estão ganhando em cada campo, pelo menos por enquanto. Basta-lhes chamar os outros de traidores; batalha fácil e clássica. E assim se unem por uma causa no fim das contas comum: a guerra.

E, no entanto, há um elemento que não para: o tempo. A sua ação lenta permite-nos prever que a extensão das rupturas estará, como sempre, relacionada ao artifício das estagnações. Como funciona essa ação lenta? De muitas maneiras, mas há uma em particular, mais implacável que todas.

Os países subdesenvolvidos, o 3º mundo, entraram em uma nova fase: certas técnicas médicas estão sendo introduzidas muito rapidamente por uma razão maior:

custam pouco. Toda uma região da Argélia tem sido tratada com DDT³ para combater a malária, um custo de 68 francos por pessoa. Noutros lugares, no Ceilão, na Índia etc., resultados semelhantes são registrados. Por alguns centavos a vida de um homem é prolongada por vários anos. Como resultado, tem-se, nesses países, a mesma mortalidade que tínhamos em 1914 e taxa de natalidade do século XVIII. É claro que disso resulta uma melhoria econômica: menos mortalidade entre os jovens, melhor produtividade entre os adultos etc. No entanto, fica claro que esse crescimento demográfico deveria ser acompanhado de grandes investimentos para adaptar o conteúdo ao seu conteúdo. Mas estes investimentos vitais custam muito mais do que 68 francos⁴ por pessoa. Eles então se deparam com o muro financeiro da Guerra Fria. O resultado é eloquente: o ciclo milenar de vida e morte está aberto, mas é um ciclo de miséria. Será que vocês não escutam na *Côte d'Azur* os gritos que nos chegam do outro lado do Mediterrâneo, do Egito ou da Tunísia? Pensam vocês que é apenas uma revolução palaciana ou um burburinho de algumas pessoas ambiciosas em busca de espaço? Não, não, a pressão está aumentando constantemente na caldeira humana.

Para estes sofrimentos de hoje e estas catástrofes de amanhã, há um remédio soberano, sabemos disso. Ele flui lentamente: aqui, nas obrigações do Pacto Atlântico, lá, nas construções febris de armas que saíram de moda em três anos.

Há nesta aventura uma fatalidade matemática que um cérebro gigantesco poderia se gabar de conceber. Sendo a preparação da guerra a preocupação n.º 1, as preocupações secundárias como a fome do mundo devem prender a atenção apenas no limite suficiente para evitar a explosão, ou mais exatamente para evitar um transtorno que possa comprometer o objetivo n.º 1. Mas quando se consideram os enormes erros que cometeram com tanta frequência, em matéria de paciência humana, os conservadores de todas as épocas, não se pode nutrir senão uma medíocre confiança na capacidade dos americanos de brincar com o fogo popular. Neófitos da dominação, místicos da livre iniciativa a ponto de concebê-la como um fim, eles ainda não perceberam com clareza que o país subdesenvolvido de tipo feudal poderia passar muito mais facilmente a um regime comunista do que ao capitalismo democrático. Consolemo-nos, se quisermos, vendo nisso a prova de um avanço maior do capitalismo, mas o fato não pode ser negado. E talvez, na sua luz

3 N. dos T.: De acordo com D'Amato, Torres e Malm (2002), o Dicloro Difenil Tricloroetano (DDT) "é o mais conhecido dentre os inseticidas". Foi muito utilizado no decorrer da Segunda Guerra Mundial com a finalidade de combater a malária e seu agente transmissor, bem como para a prevenção de tifo e piolhos em soldados. DDT (dicloro difenil tricloroetano): toxicidade e contaminação ambiental: uma revisão. D'AMATO, Claudio; TORRES, João P.; MALM, Olaf. **Quim. Nova**, v. 25, n. 6, p. 995-1002, 2002. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), atualmente, a malária é responsável por aproximadamente 435 mil mortes por ano no Mundo.

4 N. dos T.: No período em questão, a Argélia era uma colônia francesa e sua moeda era o Franco argelino. Desde o ano de 1964 a sua moeda é o Dinar argelino. A título de informação: em consulta realizada no sítio eletrônico do Banco Central do Brasil (BCB) no dia 04 de abril de 2022, 68 francos CFA (moeda corrente usada atualmente em alguns países africanos, anteriormente possessões francesas) correspondiam a 0,53 centavos de Real.

brilhante, o mundo n.º 1, mesmo sem qualquer solidariedade humana, poderia não permanecer insensível a um lento e irresistível impulso, humilde e feroz, em direção à vida. Afinal, este Terceiro Mundo, ignorado, explorado, desprezado como o Terceiro Estado, também quer ser alguma coisa.

Tradução e notas: Dhiego Antonio de Medeiros e Jane Roberta de Assis Barbosa.